



## Notas sobre a *Diatribé* 1.2 de Epicteto

Carlos Lins

### Apresentação e Discussão

A *Diatribé* se inicia com uma máxima, a saber, que para o animal racional somente o irracional é insuportável, ao passo que o racional é suportável. Assim, se uma tarefa ou provação é irracional para alguém (Epicteto usa o verbo *pascho* que DINUCCI, 2012, traduz por ‘sentir’), é mister dizer que seja, então, também insuportável para ela; e vice-versa. Desse modo, os espartanos consideravam racional receber chibatadas e por isso as suportavam vivamente – Epicteto até mesmo usa o exemplo do suicídio por enforcamento, dizendo: “quando alguém sentir que é racional [enforçar-se], ele vai e se enforca” (*Diss.* 1.2.4). No entanto, reconhece Epicteto: o racional e o irracional aparecem às pessoas de modo distinto (“assim como o bem e o mal, o vantajoso e o desvantajoso”), sendo este o motivo pelo qual devemos nos instruir: “para aprender a aplicar, de modo harmonioso a natureza, a pré-noção (*prolepsis*) do racional e do irracional às substâncias particulares” (*Diss.* 1.2.6)<sup>1</sup>, tornando-se, então, necessária a instrução filosófica. Porém, ainda é dito que: “Para julgar o racional e o irracional, não nos guiamos somente pelos valores das coisas exteriores, mas também <pelos valores> das coisas segundo o caráter próprio de cada um” (*Diss.* 1.2.7). Nesse ponto, se delineia a regra pela qual aplicamos as *pré-noções* de racional ou irracional às coisas particulares, numa palavra, pelo nosso caráter próprio, de acordo com o que cada um nós pensa sobre si mesmo (*kata prosopon*).

---

<sup>1</sup>Essa passagem revela o que parece ser esse objetivo principal da filosofia estoica tal como Epicteto a ensina, isto é, aplicar, em harmonia com a natureza, as pré-noções às substâncias particulares, ou aos casos particulares. Em suma, parece ser a fórmula para a ação mais adequada à ocasião específica.

Para ilustrar essa regra para atribuição de valores, Epicteto se vale do exemplo do penico, afirmando: para alguns é racional (e, portanto, suportável) segurar o penico afim de não sofrer suplícios, enquanto que para outros não só é irracional para eles como também o é ver outros o segurarem. Na medida em que alguém perguntasse a Epicteto se devia ou não segurar o penico, este lho diria: o que tem valor para você? Receber ou não suplícios? Receber ou não alimentos? De modo que é pelo valor que concede às coisas que deve agir:

- És tu quem precisa inserir isso na sua deliberação, não eu. Pois és tu que conheces a ti mesmo, quanto valor tem para ti mesmo e por quanto vendes a ti mesmo, e diferentes homens vendem-se por diferentes preços (*Diss.* 1.2.11).

Segue-se, nesse ponto, uma breve anedota em que Floro pede conselho a Agripino se deve ou não ir ao espetáculo de Nero. Pelo que Floro lhe diz que de alguma maneira havia de contribuir com a festa, e então Agripino lhe diz para ir, mas quando questionado se iria ou não, lhe responde: “sequer cogitei a possibilidade”. Demonstrando firmeza em sua decisão, Agripino é apresentado como alguém que leva em conta o caráter próprio quando julga o valor das coisas externas, sendo exemplar nesse sentido.

Seguem-se algumas outras imagens semelhantes, mas uma toma um caráter proeminente. Tendemos a considerar a analogia da faixa púrpura como umas das mais célebres de Epicteto, pelos motivos que procuraremos expor abaixo.

Talvez como exemplificação, Epicteto se remete de forma breve às coisas que escolheria (o termo grego para ‘escolher’ é *airetos*) caso fosse indagado entre morte e vida, entre dor e prazer, por exemplo, preferindo o prazer invés da dor e a vida ao invés da morte. Mas, como já é bem estabelecido pelo próprio Epicteto, temos claramente que todas as coisas externas são aos seus olhos indiferentes, coisas que não são responsabilidade dos seres humanos e não têm valor por si. O que segue nos leva a crer que essa pequena passagem não seja um mero exemplo da opinião do homem comum e não instruído.

Num desdobramento imaginário da anedota apresentada acima envolvendo Agripino e Floro,<sup>2</sup> àquele que<sup>3</sup> diz não pretender participar da

---

<sup>2</sup> Não me parece claro se essa conversa se dirige ao leitor, a si mesmo ou a um interlocutor. Ou se seja um desdobramento imaginário da anedota do diálogo entre Agripino e Floro.

tragédia, mas que teme pela morte caso realmente não participe, um interlocutor diz que, mesmo sendo condenado à morte, não participaria:

[...] mas não vou. Por quê? Porque você se considera apenas uma das linhas que estão na túnica. Bem, então, era apropriado a você se preocupar em como você deve ser igual ao resto dos homens, do mesmo modo que uma linha não foi designada para ser em nada superior às outras linhas. Mas eu desejo ser a púrpura, aquela pequena parte que é brilhante e faz todo o resto parecer gracioso e belo. Por que, então, me diz para me tornar como os muitos? E se eu o fizer, como ainda serei a linha púrpura? (*Diss. 1.2. 17-18*).

Pelo que é dito, podemos inferir que, para o interlocutor, participar da tragédia por escolher não morrer é agir do mesmo modo que os muitos e assemelhar-se às linhas ordinárias presentes na túnica (em especial, aquela que não seja púrpura). Mas, considerando-se como a linha púrpura da túnica, aquela que é superior às demais – o exemplo seletivo pelo qual faz “todo o resto parecer gracioso e belo” –, ele prefere não ir. Daí, podemos entender a passagem em que Epicteto afirma o que escolheria entre a vida e a morte, ou entre o prazer e a dor, como exemplo da opinião dos seres humanos comuns, dos muitos, dos que não são linhas púrpuras. Delineia-se, assim, que a analogia das linhas que compõem a túnica divide em dois modos as ações dos seres humanos: 1) a ação dos comuns ou dos muitos é como a linha branca<sup>4</sup> que compõe a túnica, nada especial, nada exemplar; e 2) a ação de outros seres humanos, que não são como os ‘muitos’, é como a linha púrpura que se destaca como superior às outras, pela qual o conjunto se torna belo.

O que vem a seguir parece corroborar o que acabamos de salientar. Quando Epicteto cita uma situação que envolveu Helvídio Prisco e Vespasiano, diz: “Helvídio Prisco também viu isso [a metáfora da linha púrpura] e agiu em conformidade” (*Diss. 1.2*). O que nos permite dizer que a história de Prisco é um exemplo que corrobora a metáfora.

Nessa história, Prisco defende sua liberdade de fala (*parrhesia*) no Senado perante as restrições que Vespasiano lhe promete infligir, chegando a ameaçá-lo de morte.

---

<sup>3</sup> Não parece clara a identificação dos personagens desse diálogo.

<sup>4</sup> As togas *porphyra plateia* eram compostas por linhas brancas e púrpuras, assim as comuns eram as brancas. Sobre a valorização do púrpuro Tirreno cf. [http://www.ancient.eu/Tyrian\\_Purple/](http://www.ancient.eu/Tyrian_Purple/).

Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: ‘Depende de ti não me permitir ser senador. Mas, na medida em que o for, é-me preciso comparecer’ – Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer fica em silêncio. – Não me interrogues e ficarei em silêncio. – Mas me é preciso interrogar-te. – E me é preciso dizer o que se me afigura justo. – Se falares, condenar-te-ei à morte. Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é <obra> tua, e eu farei o que é <obra> minha. É <obra> tua condenar-me ao exílio. É <obra> minha retirar-me sem me afligir.” (Diss. 1.2 19-22).

Além de defender até à morte a sua liberdade de fala, Helvídio demonstra firmeza de caráter e resistência diante das adversidades externas, tendo firmeza em sua decisão e mostrando a disposição necessária para sofrer o suplício sem afligir-se. Não obstante, reconhece Epicteto, a decisão do senador é como a linha púrpura da toga, um exemplo aos demais do caráter firme e altivo de alguém que demonstra instrução filosófica: “Pois que outra coisa em Prisco se apresenta notável como a linha senão o belo exemplo que expõe aos demais?” (Diss. 1.2.22). Sendo também distante dos ‘muitos’, sua ação se mostra insigne na medida em que, se agisse como César quisesse, se se mostrasse terminantemente submisso, jamais teria chamado a atenção de Vespasiano, jamais o Imperador se daria ao trabalho de pedir o seu silêncio.

Segue-se uma breve anedota do boxeador que prefere morrer a ter que amputar o próprio pênis, mostrando o poder daqueles que estão acostumados a inserir o caráter próprio nas suas deliberações.

Então, surge a questão sobre o que seja o nosso caráter próprio (*kata prosopon*): Como o descobrimos? Epicteto responde à questão partindo para o exemplo do ataque de um leão à manada de touros: quando o touro é atacado por um leão, ele percebe sua “constituição natural” (*paraskeue*) e se lança em defesa de seus iguais; além disso, se possui tal ‘constituição natural’, é também consciente de possuí-la. No entanto, nem a nossa ‘constituição natural’ nem a do touro são imutáveis, isto é, não surgem ‘subitamente’. Assim, para que nos tornemos ‘nobres’, bem como para o touro tornar-se touro<sup>5</sup>, é necessário passar por um “treinamento de inverno” (*cheimaskeo*), é preciso ter se preparado (*paraskeuasastai*) e não se lançar ao acaso sobre coisas que não são apropriadas” (Diss. 1.2.32). Aqui se verifica a importância e o papel da instrução filosófica para a formação do caráter, é ela que permite ao homem deliberar

---

<sup>5</sup> Este bezerro adulto capaz de se defender.

mais nobremente e de forma mais apropriada – tornando-o ciente do valor que atribui a si mesmo<sup>6</sup>.

No entanto, mesmo se exercitando é possível que nunca alcancemos um Sócrates, nem possamos ser singulares – do mesmo modo que nem “todos os cavalos se tornam velozes”, e nem “todos os cães se tornam farejadores” (*Diss.* 1.2.35). Mas isso não é motivo para que se desista de exercitar-se pois não “deixamos de cuidar de alguma coisa por não esperarmos ser os melhores”.

## **Conclusões**

Supomos, então, que para Epicteto as deliberações dos homens podem ocorrer de quatro formas não tão distintas, mas que dão lugar a quatro tipos de sujeitos segundo seu “grau” de instrução. A saber, os que são completamente ignorantes deliberariam acerca do valor que as coisas externas parecem ter intrinsecamente. Um segundo tipo delibera de acordo com o valor que ele atribui às coisas externas, com base no seu caráter próprio – este tipo possui alguma força nas suas deliberações e, portanto, pode agir firmemente. Um terceiro tipo, além de deliberar segundo o seu caráter próprio, consciente dessa ‘constituição natural’, pretende melhorá-la para se tornar nobre, almejando se tornar a linha púrpura da túnica, e distinguir-se dos ‘muitos’ – para isso reconhece ser necessário exercitar-se. Porém há ainda um quarto tipo, o sábio, aquele que é o melhor, como Sócrates, por exemplo. Este parece ser inalcançável, mas isso jamais se torna um empecilho àqueles que se exercitam, sendo o modelo em relação ao qual desejamos, ao máximo, não ser piores.

## **Referências**

DINUCCI, Aldo. Tradução e comentário à Diatribe de Epicteto 1.2: como manter o caráter próprio em todas as ocasiões. **Veredas da História**, [online]. Ano V, Edição 2: Juiz de Fora, 2012. p.197-208

---

<sup>6</sup> “[...] deliberar por quanto vendes a tua escolha” (*Diss.* 1.2.33).